



Análise de Conjuntura

Boletim periódico da Consultoria Legislativa da Câmara dos Deputados

Os textos são da exclusiva responsabilidade de seus autores. O boletim destina-se a promover discussões sobre temas de conjuntura e não reflete a posição de parlamentares, de suas assessorias ou do corpo técnico da Câmara dos Deputados.

Recessão técnica: PIB recua pelo segundo trimestre seguido

O PIB do primeiro trimestre de 2009 recuou 0,8% em relação ao do quarto trimestre de 2008, quando já havia ocorrido retração de 3,6% na comparação com o trimestre anterior.

Os manuais de economia qualificam duas quedas trimestrais seguidas como recessão. Malgrado a qualificação assustadora, a retração divulgada pelo IBGE poderia até ser considerada branda, pois ficou abaixo das expectativas de mercado. Porém, a queda concentrada nos investimentos e os números da indústria em maio de 2009 não permitem comemoração.

Consumo se mantém mas investimentos não reagem

O IBGE anunciou o PIB do primeiro trimestre de 2009: R\$ 684 bilhões, a preços de mercado, com recuo de 0,8% em relação ao quarto trimestre de 2008, que, por sua vez, havia se reduzido em 3,6% em relação ao trimestre anterior. Na comparação com o primeiro trimestre de 2008, houve perda de 1,8%.

O resultado – dois recuos trimestrais seguidos do produto – é, por convenção, chamado de recessão técnica. Essa é a terceira ocorrência desde 1996, interrompendo crescimento contínuo do PIB que vinha desde o quarto trimestre de 2005.

Expediente

Boletim de Análise de Conjuntura (BAC). Ano 1, nº 15. Quarta-feira, 10 de junho de 2009.

Colaboraram neste número: Marcelo Barroso Lacombe (coordenador), Marcos Pineschi Teixeira e Murilo Rodrigues da Cunha Soares.

O Boletim de Análise de Conjuntura é uma publicação da Consultoria Legislativa da Câmara dos Deputados. Destina-se a promover o debate sobre temas de conjuntura e não reflete a posição de parlamentares, de suas assessorias ou do corpo técnico da Câmara dos Deputados.

A magnitude da retração foi menor do que a prevista pelo mercado, que esperava algo em torno de -2%, segundo divulgou o Valor Online no último dia 9. Se houve uma boa surpresa sob o aspecto quantitativo, o mesmo não se pode dizer quanto aos seus aspectos qualitativos.

Na série dessazonalizada, a formação bruta de capital fixo caiu 14% em relação ao primeiro trimestre do ano passado. A elevação do consumo das famílias (+1,3%) e do governo (+2,7%) não foi capaz de compensar a queda na taxa de investimentos em relação ao PIB, que se reduziu de 18,5% ao final de 2008 para 16,6% nesse primeiro trimestre, cada vez mais longe da projeção de 21% para 2010. A queda das exportações (-15,2%) foi equivalente à das importações (-16%).

Em relação ao primeiro trimestre do ano passado, houve queda na indústria (-9,3%) e na agropecuária (-1,6%). Todos os subsetores industriais sofreram queda, mas a indústria de transformação foi a mais penalizada (-12,6%), com fraco desempenho na produção de máquinas e equipamentos, metalurgia, automóveis, vestuário, calçados e mobiliário. No campo, o crescimento do setor cafeeiro (+6,2%) contrastou com perdas no algodão (-19,7%), milho (-13,2%), soja (-3,9%) e fumo (-1,2%).

O setor de serviços teve desempenho favorável (+1,7%), destacando-se positivamente a intermediação financeira e seguros (+ 5,8%) e serviços de informação (+ 5,4%) e negativamente o comércio (-6%) e transporte, armazenagem e correios (-5,6%).

Em suma, olhando pelo retrovisor, tivemos um primeiro trimestre no qual o consumo seguiu em ritmo relativamente preservado, mas a produção foi muito baixa. Pior ainda foi o comportamento do investimento, que apresentou pronunciada queda com a crise.

Queima de estoques: até quando?

O consumo mantido, a produção em queda e nem sinal de desabastecimento ou aumento de preços? Como explicar esse paradoxo? Queima de estoques.

É a maior desova desde janeiro de 1995, assim considerada a soma das variações trimestrais negativas de estoque não interrompidas por alguma recomposição. A queima de estoques do primeiro trimestre de 2009 começou no trimestre anterior e atingiu o valor acumulado de R\$ 42,4 bilhões, equivalentes a 5,96% do PIB do período.

Episódios anteriores podem ser ilustrativos. No calor da crise da Ásia, os estoques reduziram-se durante três trimestres seguidos – do primeiro ao terceiro trimestre de 1997 –, com vendas no montante de R\$ 12,8 bilhões, equivalentes a 5,78% do PIB produzido nesse mesmo período.

Já na crise de 2002-2003, na transição entre os governos de FHC e de Lula, a queima de estoques também durou três trimestres seguidos: do terceiro trimestre de 2002 ao primeiro trimestre de 2003. Na época, foram vendidos estoques no total de R\$ 21,4 bilhões, equivalentes a 5,65% do PIB daqueles nove meses.

Os números permitem uma leitura otimista e outra pessimista. Na primeira, os estoques já teriam alcançado um patamar crítico, afinal nas crises anteriores nunca se superou queima acumulada de 6% do PIB. Assim, já no segundo trimestre deste ano estaríamos em vias de recomeçar a recomposição dos estoques, o que recolocaria a economia em marcha positiva.

Na visão mais cética, ainda teríamos mais um trimestre de diminuição de estoques. Afinal, nas duas crises anteriores, a recomposição somente ocorreu após três trimestres de desova de mercadorias. A recuperação dos inventários somente ocorreria no terceiro trimestre de 2009.

A favor da visão mais otimista contam o fato de que os estoques ficaram praticamente estáveis no terceiro trimestre de 2008, com uma pequena variação, de 0,1% do PIB, ou seja, não havia muita “gordura” para queimar, até porque o Banco Central vinha aplicando um choque de juros antes da crise.

Conspiram a favor do pessimismo a queda expressiva das exportações, especialmente as de bens manufaturados, com pouca chance de recuperação no curto prazo. Além disso, os últimos números divulgados pelo IBGE sobre emprego industrial não são bons: de março para abril de 2009, na série dessazonalizada, o pessoal ocupado reduziu-se em 0,7%, o número de horas pagas caiu 0,4% e a folha de pagamento real perdeu 0,2%. Assim, se a recuperação vier a ocorrer, ela se concentrará nos dois outros meses que faltam para o fechamento deste trimestre.

Nem na *pole position* nem entre os retardatários

Mas como estamos em relação ao resto do mundo? A tabela abaixo mostra o crescimento do PIB após a eclosão da crise em diversos países.

Crescimento do PIB trimestral

País	4º trim 2008/ 4º trim 2007	1º trim 2009/ 1º trim 2008
Estados Unidos	-0,8	-2,6
Japão	-4,3	-9,7
China	6,8	6,1
Grã Bretanha	2,0	-4,1
Canadá	-0,7	-2,1
Área do Euro	-1,5	-4,6
Austria	0,5	-2,9
Bélgica	-0,8	-3,0
França	-1,1	-3,2
Alemanha	-1,7	-6,9
Grécia	2,4	0,3
Itália	-2,9	-5,9
Holanda	-0,6	-4,5
Espanha	-0,7	-3,0
República Tcheca	0,7	nd
Dinamarca	-3,7	nd
Hungria	2,0	-6,4
Noruega	0,8	1,5
Polônia	2,9	0,8
Rússia	1,2	-9,5
Suécia	-4,9	-6,5
Suíça	-0,1	-2,4
Turquia	-6,2	nd
Austrália	0,3	0,4
Hong Kong	-2,5	-7,8
Índia	5,3	5,8
Indonésia	5,2	4,4
Malásia	0,1	-6,2
Singapura	-4,2	-10,1
Coréia do Sul	-3,4	-4,3
Taiwan	-8,4	-10,2
Taiilândia	-4,3	-7,1
Argentina	4,9	nd
Brasil	1,3	-1,8
Chile	0,2	-2,1
Colômbia	-0,7	nd
México	-1,6	-8,2
Venezuela	3,2	0,3
Egito	nd	4,3
Israel	1,2	1,1
África do Sul	1,0	-1,3

Fonte: The Economist

Como se vê, a crise abateu-se de forma diferenciada sobre os países. China e Índia são os menos afetados e ainda exibem robusto crescimento na comparação interanual. Nessa base de comparação, Indonésia, Polônia, Venezuela, Grécia, Noruega, Israel e Austrália também não sofreram redução de produto, fechando o pelotão da frente.

No pólo oposto, destacam-se os países que utilizam o Euro como moeda (especialmente Itália e Alemanha), Coréia do Sul, México e Japão, que perderam produto nos dois trimestres e de forma significativa. Os Estados Unidos encontram-se nessa turma, mas a queda em termos relativos é um pouco menor, embora a magnitude absoluta seja devastadora.

Já a Rússia perdeu produto apenas no 1º trimestre de 2009, mas de forma tão brutal, que merece ser incluída no pelotão de retardatários. Em situação similar, mas menos dramática, encontram-se Hungria e Malásia.

O Brasil vem num pelotão intermediário, que, nessa base de comparação, perdeu produto

apenas no 1º trimestre de 2009. Junto conosco estão África do Sul, Chile, Áustria e Grã-Bretanha, mas esta com uma queda bem mais acentuada neste ano.

Crise aumenta apelo do discurso protecionista: grupos conservadores vencem eleições na Europa

Dezessete países do G-20 já adotaram algum tipo de medida protecionista. Na Europa, vinte e um dos vinte e sete estados nacionais são governados por conservadores, que obtiveram, na eleição do último dia 5, 267 das 736 cadeiras do Parlamento Europeu.

Há uma reação conservadora à crise financeira. E em caso de agravamento (e principalmente de aumento do desemprego) espera-se que o protecionismo recrudesça.

O protecionismo tem sido um dos demônios mais temidos nesta crise. Permanece o receio dos especialistas em relações internacionais de que, após a crise financeira, os países se engajem em batalhas comerciais que precipitem no médio prazo uma depressão. Os governos parecem não se aterrorizar com essa hipótese. Após o anúncio do G20 em abril, de que seus integrantes combateriam o protecionismo, dezessete países do grupo já erigiram barreiras alfandegárias.

A Argentina estabeleceu barreiras não tarifárias a oitocentos produtos brasileiros. Também foram aumentadas alíquotas tributárias sobre algumas dessas mercadorias. O Brasil não retaliou nenhuma das medidas, aceitando-as como um direito da Argentina previsto na OMC. Nem por isso permanecemos inertes. Ao contrário, nosso Governo animou-se em seu próprio protecionismo, elevando alíquotas de imposto de importação sobre produtos siderúrgicos.

A Rússia aumentou tarifas sobre carros importados e anunciou planos para a proteção da produção agrícola. A Índia aumentou a tarifa sobre óleo de soja. Já a China, curiosamente, aumentou os tributos sobre a entrega postal expressa, prejudicando provedores internacionais de entrega rápida em favor do sistema postal interno.

O maior incentivo ao protecionismo vem, no entanto, do *front* conservador na Europa, que controla 21 dos 27 dos governos nacionais do continente. A recente vitória dos conservadores no Parlamento Europeu,

elegendo 267 dos 736 deputados, reforçou sua posição, tornando-o o maior grupo do Parlamento Europeu. Isso sem contar os *tories*, os conservadores ingleses, que compõem outro grupo político no parlamento.

Na Itália, os partidos de direita conseguiram a maioria dos cargos nas eleições locais, por eles chamadas de eleições administrativas, retirando 15 províncias do controle da esquerda. Vale lembrar que a extrema direita italiana é contra a globalização, a favor da valorização das tradições e identidades nacionais e rejeita o Tratado de Lisboa, a nova constituição da União Européia. Além disso, em maio deste ano, Berlusconi aprovou lei tornando imigração não legal um crime.

Na Holanda e França o desempenho dos socialistas foi bastante pobre. Na Polônia, venceu o partido conservador, já no governo. E a extrema direita espanhola é contra o alargamento da União Européia, a inclusão da Turquia e mostra-se uma crítica acerba da globalização.

David Cameron, líder do partido conservador inglês, é outro crítico constante do Tratado de Lisboa. O líder dos partidos conservadores no Parlamento Europeu, Joseph Daul, aliado do presidente francês Nicholas Sarkozy, renegou a atitude de Cameron. Como reação, o líder inglês formou, naquela Casa, um novo grupo anti-Europa, chamado de “Europeus Conservadores e Reformistas”.

Angela Merkel, primeira ministra da Alemanha, defendeu o Tratado de Lisboa e advertiu Cameron de que sua posição contra o tratado implicaria risco de isolamento político. Aliás, a líder alemã já se posicionou contra o protecionismo, o que não se espera de Sarkozy, que já defendeu medidas de estímulo interno para a indústria francesa.

Em suma, a vitória dos conservadores ocorre em ambiente de reação à crise financeira, à imigração estrangeira e ao aprofundamento da integração européia. Ao contrário do que o senso comum indicaria, o movimento antiglobalização está assumindo na Europa tons conservadores. Repetindo, de algum modo, o ocorrido após a crise de 1929.

Se os conservadores europeus hesitam em aplicar medidas protecionistas entre si, eles convergem no gosto por planos de estímulo econômico pouco ambiciosos, na resistência à inclusão de novos membros na União Européia e no fechamento de suas portas a estrangeiros vindos de países pobres.